



COLÓQUIOS DA LUSOFONIA com o apoio da Câmara Municipal

VII Colóquio Anual da Lusofonia [Bragança Portugal - outubro 2008]

1. DISCURSO DE ABERTURA BRAGANÇA

Presidente Da Câmara Municipal De Bragança
Professor Adriano Moreira
Professor Artur Anselmo
Professor Evanildo Bechara
Professor Malaca Casteleiro
Doutor João Craveirinha
Professora Dulce Pereira
Presidente Do Instituto Politécnico De Bragança
Representante do Presidente do instituto Politécnico de Setúbal
Diretora Regional do Ministério da Cultura
Representante Da Associação Pró-Academia Galega Da Língua Portuguesa
Demais Oradores, Participantes Presenciais
Exmas. Senhoras e Senhores

Desde há seis anos que inicio estes colóquios partilhando um pouco da história desta terra, que pode ter sido foi fundada por Brigo IV, rei de Hispânia, no ano de 1096 a.C. O Abade de Baçal, refuta estas afirmações lendárias. Pode ter-se chamado Celobriga no tempo dos Celtiberos, depois Brigância. Houve outras Brigancias: Bregenz na Áustria, Brianza na Itália, Brigantia na Gália Cisalpina (hoje Briançon), e também Brigantia, cidade da Vindélicia, entre os Alpes e o Danúbio. A *Civitas Brigantium* no atual Reino Unido dividiu-se nos reinos de Elmet, Craven, e Brigantia, num eixo entre York e Catterick no século V. Todas essas Brigantiae devem ter origem celta. À primeira povoação de origem neolítica, seguiu-se um centro romano na zona atual da Sé, sucedido por invasões bárbaras e guerras entre mouros e cristãos e a Bragança primitiva desapareceu enterrada até aos nossos dias cujos vestígios recuperados podem observar na sala de exposições neste piso.

Em meados do século X, (contemporaneamente, ao repovoamento de Guimarães pelo conde Ermenegildo Gonçalves e sua consorte Mumadona) as terras de Bragança eram senhoriadas por seu irmão o conde Paio Gonçalves, passando depois para os Mendes. Em julho de 1128 senhoriava-a Fernão Mendes, cunhado de D. Afonso Henriques, conforme documento que o atesta então integrado no apoio ao movimento de independência.

Nascida em território do Mosteiro Beneditino de Castro de Avelãs, Bragança teve o primeiro foral em 1187 sendo o castelo construído nessa época. Em 1199, Bragança esteve cercada pelo rei Afonso IX de Leão depois de este ter repudiado sua esposa, infanta D. Teresa, filha de D. Sancho I.

Quando D. Afonso IV (1325-57) subiu ao trono confiscou os bens do mais velho dos seus irmãos ilegítimos, D. Afonso Sanches que moveu guerra ao monarca e invadiu Portugal pela fronteira de Bragança, pondo tudo a ferro e fogo. Naquele reinado são atribuídas à vila as terças das igrejas da região "para reparamento dos muros". A Torre de Menagem demorou 30 anos a concluir sendo de arquitetura gótica, distinguindo-se pela elegância as janelas em ogiva, ameias e seteiras e as suas linhas apresentam semelhanças com castelos ingleses do mesmo período. Na campanha de 1369, de Henrique I de Castela contra D. Fernando, Bragança foi dominada pelos castelhanos e só voltou à posse portuguesa com o tratado de Alcoutim em 1371. D. Fernando ofereceu-a de dote a uma cunhada, irmã de D. Leonor Teles e foi dada como ducado em 1442, a um filho natural de D. João I, ficando então na posse da Casa de Bragança, sendo primeiro duque D. Afonso (filho ilegítimo de D. João I e genro do Condestável, Nuno Álvares Pereira). Foi uma das mais importantes casas reais da Europa. A cidade desenvolveu-se com os Judeus, e em 1455, é-lhe concedida uma feira franca, o que revela bem a importância do burgo.

Em 1464, a pedido do 2º Duque D. Fernando de Bragança, recebeu de D. Afonso V, o foral de cidade e a partir daí cresceu depressa, ao abrigo do seu castelo de três hectares defendidos por uma linha de muralhas.

Entre dois dos torreões, rasga-se a Porta de Santo António, de volta redonda, defendida por uma barbacã, na qual se situa a Porta da Vila, ogival. Na face oposta a Porta da Traição, saída de recurso de volta para os campos.

Na face sul, no chamado Poço d'el-rei típica construção de defesa duma cisterna, viria a edificar-se a famosa ***Domus Municipalis***, pentágono irregular, de arquitetura única e de origem misteriosa, entre os séculos XII e XV, sendo o seu estilo românico civil tardio, embora haja quem lhe dê uma raiz romana. Foi um importante reservatório de água, com um subterrâneo composto por uma cisterna abobadada, a ***"Sala d'Água"***, fazendo a cachorraria interior e exterior converter as águas pluviais para a cisterna e sua nascente. O piso térreo sem divisões tem uma bancada de granito ao longo das paredes - a ***"Casa da Câmara"*** - que serviu como lugar de reunião dos "homens bons" do concelho. Poderá ter albergado os peregrinos que rumavam a Santiago de Compostela, onde também nós rumaremos domingo à noite em peregrinação da língua portuguesa na Galiza.

Em 1580, aquando da segunda crise dinástica portuguesa causada pela morte do cardeal-rei D. Henrique, foi uma das primeiras terras que patrioticamente reconheceram a realeza do Prior do Crato, D. António. Em 1762, sofreu o assalto das tropas espanholas do Marquês de Sarria e em 1808, ergueu-se contra o invasor napoleónico. Hoje ergue-se valorosamente contra a desertificação humana, o desinteresse político, o afastamento dos centros de poder, com iniciativas como estes Colóquios.

A Cidadela de Bragança, que visitaremos dia 3, é um dos núcleos muralhados mais harmoniosos e bem preservados de Portugal

Tem um perímetro de 660 metros muralhados, quinze torres ou cubelos e outros tantos panos de muro, com a espessura média de dois metros, três portas (duas Portas de Santo António e a Porta do Sol) e dois postigos (a Porta da Traição e o postigo do Poço do Rei). Toda a cerca é ameada e define uma planta ovalada que apresenta o seu interior orientado segundo dois eixos viários. Destes, é a rua da Cidadela que faz o antigo traçado entre as duas portas. À esquerda encontra-se um pequeno quarteirão, interrompido pelo espaço onde se localiza o Pelourinho e que antigamente foi ocupado pela igreja de S. Tiago. Ao centro fica o principal aglomerado populacional, que tem no seu topo a Igreja de Santa Maria (ou de Nossa Senhora do Sardão), de origem românica, do século XVI, onde se misturam o estilo renascença e o barroco, pela sua reconstrução no século XVIII. Esta é também a época da pintura que se pode ver no teto da igreja.

Adossada exteriormente à muralha na sua face norte, situa-se a Torre da Princesa, que é tudo quanto resta do Paço do Alcaide, cenário de tragédias íntimas. Delas sobressaem a da infanta D. Sancha, irmã de D. Afonso Henriques, humilhada pelo adultério do marido e senhor da terra, Fernão Mendes. Foi nesta Torre que D. Jaime, o 4º Duque de Bragança aprisionou a mulher, D. Leonor, sua infeliz esposa, e injusta vítima. D. Leonor era tão linda que ele não deixava que mais nenhum homem a olhasse, por isso, quando se retirou com a Corte para Lisboa, assassinou-a. Não vos falarei das várias versões da lenda da Torre da Princesa e dos seus amores proibidos, pois dela se ocupa a nossa página na internet.

A enorme Torre de Menagem no lado norte é um imóvel quadrangular de 17 m de lado e 34 m de altura, dotado de sapata de cerca de 6 m de altura. O acesso era feito por uma ponte levadiça para a porta que se encontra bem alta. Atualmente faz-se por uma estreita escadaria exterior, de pedra, adossada à face setentrional de um corpo saliente que serve de coraça à própria torre. Na face sul, a meia altura, está adossada uma pedra de armas com os emblemas da Casa de Avis, sinete do monarca que promoveu a edificação. Dos elementos decorativos mais interessantes contam-se as graciosas fiadas de ameias que lhe coroam o eirado e duas elegantes janelas góticas maineladas, na face sul e na face leste. Nas aberturas e nos cunhais, o material utilizado é o granito, com alguns blocos siglados, enquanto no recheio predomina a alvenaria de xisto. Nos ângulos superiores destacam-se quatro guaritas cilíndricas.

Com a extinção, em 1958 do Batalhão de Caçadores n.º 3 que ocupava o castelo, este passou a albergar o Museu Militar, nos cinco pisos da Torre de Menagem. Começamos pela cripta descendo a acanhada escada de caracol até às antigas masmorras. No fundo, a cisterna e o tenebroso ergástulo ou cárcere. Espreitando pelas ameias, imaginámos os defensores, alheados da inolvidável paisagem, dando as boas-vindas aos forasteiros atacantes com grandes caldeirões de azeite a ferver. No primeiro piso, na Sala do Gungunhana, há artefactos africanos e a versão portuguesa da história do célebre chefe tribal que ousou desafiar o poder colonial em Moçambique. No segundo piso, as exposições sucedem-se por ordem cronológica, em 14 divisões, desde a Sala D. Afonso Henriques até à Sala da Primeira Guerra, onde estão patentes armamentos utilizados na época. As cotas de malha medievais seguem-se as bestas e armaduras quinhentistas, as espadas e mosquetes do século XVII, as carabinas e sabres e as armas do primeiro conflito mundial. O equipamento bélico de antanho parece inofensivo quando comparado com as novas armas.

A poente do castelo há um pelourinho com uma escultura zoomorfa "A Porca da Vila," um fuste de coluna de granito, cravado no dorso de uma escultura que lhe serve de pedestal representando um berrão. Os berrões eram um ídolo pré-histórico, cujo culto era característico dos povos transmontanos. O monumento é encimado pelo escudo das armas de Bragança e um capitel do qual partem quatro braços de extremidades decoradas com carrancas. Lá eram amarrados e castigados os réus de grandes delitos da época medieval.

Esta antiga Bragança olha com orgulho do alto da sua cidadela todos quanto a ignoram sem a conhecerem. Hoje, já sem a sua importância militar e estratégica não perdeu as suas raízes rurais. No Centro da Cidadela, nas pequenas hortas crescem figueiras, cerejeiras e legumes, sob a presença ativa do *Parque Natural de Montesinho* que se avista do cimo das muralhas. Como a paisagem é rude e bravia, numa abordagem fugaz dir-se-ia que aqui só há fraguado. A mais importante revolução pacífica ocorreu quando os judeus plantaram amoreiras nos interstícios das fragas e nos séc. XV e XVI, conseguiram o milagre de fazer de Bragança um importante centro fabricante de veludos, damascos, e outros tecidos de luxo. Infelizmente, a Inquisição esteve particularmente ativa em Bragança tendo vitimado 734 artesãos. O sábio Abade de Baçal acrescenta que nem todos se deixaram apanhar e a maioria (três mil) fugiu. Os teares fecharam, a produção dos belos veludos de Bragança cessou por completo seguindo-se um longo e sombrio período de decadência.

Saindo da Cidadela para a Igreja de São Bento (padroeiro da cidade) uma pintura do teto é atribuída ao pintor renascentista Juan de Bustamante (~1495 - ~1553), sendo uma relíquia do barroco nordestino. Mais abaixo, a Igreja de São Vicente, primitivamente românica do séc. XIII e reconstruída no século XVII. O pórtico de acesso é renascentista, mas no interior há uma capela rica em talha dourada e uma abóbada pintada e igualmente dourada. À volta da nave há azulejaria do século XVII; com um painel alusivo à proclamação, do general Sepúlveda em 1808, contra a ocupação napoleónica. Mais tarde foi convertida em hospital militar e em asilo.

Foi na igreja de S. Vicente segundo reza a tradição, que teve lugar o casamento secreto (abençoado pelo deão da Sé da Guarda), do príncipe e futuro Rei D. Pedro com a dama galega Inês de Castro. A mesma tradição conta ainda que a rainha Santa D. Isabel ao dirigir-se para Trancoso para casar com D. Dinis pernitoou na Igreja de São Francisco (a quem posteriormente doou grandes bens) que era um convento, segundo a tradição edificado na presença de São Francisco de Assis.

Merecem observação atenta a Capela da Casa da Misericórdia, com um retábulo de talha dourada do século XVII, e a velha Igreja de Santa Clara (conventual), onde novamente se confundem o estilo renascentista com o barroco, e que possui uma apreciável pintura no teto, datada do século XVIII.

Na Rua Abílio Beça veem-se casas de portais estreitos, herança dos judeus que aqui se refugiaram. Aqui fica o célebre Museu Abade de Baçal que se prolonga por dois andares e pelo jardim do antigo Paço dos Bispos. Contém notáveis obras de arte, desde alabardas da época de Bronze, esculturas zoomórficas pré-romanas a móveis dos séculos XVII e XVIII, retratos, pinturas, faianças que o carinho do abade de Baçal transformou num dos melhores do país.

O cruzeiro da Praça da Sé, aqui mesmo em frente é referência central da cidade desde 1689, tendo sido reconstituído em 1931 A velha Sé-Catedral, de fachada simples, com portal renascentista de influência barroca, interior com retábulo de talha dourada e um arco triunfal dominado pelo brasão da cidade é um templo quinhentista doado aos Jesuítas, que aqui instalaram um colégio em 1560. Depois, foi doado à Mitra de Miranda, mais tarde transferida para Bragança. O estilo é renascença infiltrado pelo barroco, sendo de apreciar as suas janelas trabalhadas e, no interior, um rodapé de azulejo do século XVII, um retábulo de talha dourada e o teto da sacristia, apainelado e pintado com o arco renascentista - um arco triunfal - dominado pelo brasão da cidade. A igreja liga-se ao claustro onde funcionava o colégio jesuíta, mais tarde adaptado a liceu onde a minha mãe teve a honra de estudar há 75 anos.

O Museu Ibérico da Máscara e do Traje, que visitaremos dia 3, foi inaugurado em fevereiro de 2007, resultando de um projeto transfronteiriço entre Bragança e Zamora com o objetivo de perpetuar a tradição dos rituais. Instalado na cidadela, conta com um espólio de quarenta e seis trajes e sessenta máscaras representativos de vinte e nove localidades, dezoito portuguesas e onze espanholas, de quarenta e seis artesãos.

Bragança também criou aqui em frente na zona histórica um Centro de Arte no antigo Solar Sá Vargas, antigo Banco de Portugal. O Centro de Arte Contemporânea ostenta o nome de Graça Morais, uma das mais importantes pintoras portuguesas que tem interpretado o pulsar das gentes da região. Resulta de um projeto do arquiteto Souto Moura para o qual a pintora disponibilizou setenta pinturas e desenhos, de 1982 a 2005, doando

alguns. A escolha foi da própria artista e de João Fernandes, diretor do Museu de Serralves, que irá coordenar as exposições futuras.

Esta velha urbe transmontana tem ainda para oferecer ao visitante um passeio pela frondosa e panorâmica Estrada do Turismo para ver a cidade a seus pés numa espetacular policromia, antes de subir ao cabeço de São Bartolomeu, local duma pequena ermida, de onde se desfruta um panorama inesquecível. Depois, regressa-se à cidade onde o comboio chegou em 1906. O Espaço Museológico de Bragança na área da antiga estação ferroviária, atual Central de Camionagem, ocupa a antiga cocheira de carruagens da que foi estação terminos da linha do Tua. A exposição inclui diverso material ferroviário da Companhia Nacional de Caminhos de Ferro.

Em 2004 foi inaugurado o novo Centro Cultural Municipal de Bragança, onde nos encontramos, que veio dar uma nova vida ao edifício de há 400 anos. O espaço reconstruído dá agora lugar a novas valências *"orientadas para a promoção de atividades artísticas e culturais, como a escultura, a pintura, dança, fotografia, literatura, teatro, música, artesanato, entre outras"*.

2. O TRATADO DE BABE

Antes de sairmos da história é obrigatório visitar o Tratado mais desconhecido da História de Portugal e que por aqui teve lugar em 1387. Babe remonta a épocas indefinidas na entrada do planalto de Lombada. A sul do castro da Sapeira, passava a estrada romana de Braga a Astorga, havendo estelas funerárias e um marco milenário romanos a prová-lo. Esta aldeia está ligada à nacionalidade através do Tratado de Babe. D. João I de Portugal ofereceu auxílio ao duque de Alencastre, João de Gaudi, para provocar a divisão das forças e tropas de Castela. O Inglês desembarcou na Corunha, seguindo para Melgaço, onde se avistou com D. João, estipulando as condições do auxílio que comportava o casamento da sua filha Filipa com o rei. As tropas do Duque seguem para Bragança, e no Porto consuma-se o casamento. Em março de 1387 o mosteiro de Castro de Avelãs recebeu como hóspede o duque com a sua comitiva, no planalto de Babe no âmbito do casamento de D. Filipa de Lencastre com o rei português. O duque fazia-se acompanhar por um milhar de guerreiros. Aqui é negociado aquele que seria o Tratado de Babe, que obrigava o dito Duque a abdicar de quaisquer direitos que pudesse vir a ter sobre a coroa portuguesa. Milhares de pessoas ali acamparam, dentre eles o Santo Condestável. Portugal pouco lucrou com este acordo, já que o Duque inglês, não obteve a divisão das forças castelhanas.

3. AS FESTAS DO NATAL (E AS MÁSCARAS DIABÓLICAS)

Entre os concelhos de Freixo de Espada à Cinta, Miranda do Douro e Bragança, intervém um tipo especial de mascarados no ciclo das Festas do Natal: os "caretos", "chocalheiros", "zangarrões" - "mascarões". Atuam como meros mendicantes ao serviço da igreja, percorrendo as localidades a recolher esmolas, na companhia dos respetivos mordomos.

Em Bemposta (Mogadouro) essas personagens saem nos "dias do chocalheiro", a 26 de dezembro a 1 de janeiro, a partir da meia-noite. Máscara e indumentária são pertença da aldeia e ficam à guarda da igreja. O cargo de "chocalheiro" é leiloado todos os anos pelo mordomo da festa. Na companhia dos mordomos, o "chocalheiro" percorre a freguesia batendo a todas as casas e recolhendo as esmolas. Entra nas casas e delas leva o que bem entende, especialmente chouriços. A sua atuação na rua é insólita e temida, sobretudo pelas mulheres solteiras, com quem permite liberdades licenciosas, e também pelo rapazio, que foge espavorido, gritando com todas as forças: "Vem aí o "chocalheiro" - Vem aí o diabo!". De facto exhibe vários atributos conotados com o diabo, além da máscara, o fato tem uma série de listas brancas e vermelhas, uma caveira pintada nas costas, um rabo de crinas comprido, uma bexiga de porco pendente do capuz e uma figura de serpente a tiracolo.

A tradição local consagra a superstição de que, se alguém morre no dia em que ele deambula pelas ruas, vai para o inferno. Assumindo uma natureza diabólica, a sua aparição impõe pelo terror a presença de um ser que se coloca fora da lei e das convenções, que escapa às normas quotidianas e autoriza o que é interdito. Apareciam como uma entidade mágica, sombria, inquietante, mas necessária. A sua aceitação justifica-se por conter um sentido vago de proteção da comunidade, sendo através deles que se normalizam certas forças estranhas e difusas que nesse período se creem desencadeadas.

4. COLÓQUIOS

Vamos por fim, falar sobre o 7º Colóquio Anual da Lusofonia depois desta longa digressão pela História. Creio que sem a conhecermos seremos incapazes de preservar a nossa língua e cultura. O atual impacto mundial da língua portuguesa existe sobretudo por ação dos outros. A R. P. da China prepara os seus quadros para dominarem a língua portuguesa e desta forma conquistar mercados lusofalantes. Irá depender sobretudo do

esforço de liderança brasileiro que a Lusofonia poderá avançar, levando a reboque os países africanos cheios de complexos do colonizador português. A língua é alimentada de forma diferente de acordo com as realidades sociais, económicas, culturais, dos países onde está instituída e geograficamente distantes uns dos outros. Ela pode ser a ponte entre esses países e as comunidades lusofalantes.

Como me dizia Henrique Salles da Fonseca: *Um escritor é, por definição, um pensador. Ao escrever o que pensa, o escritor traz para a praça pública a sua ideia e põe-na à consideração dos leitores. Ou seja, põe os leitores a pensar.* Ora, pensar é um exercício muito menos praticado do que o desejado pois há muita gente que age automaticamente aos estímulos que lhe chegam. O pensamento multiplica as ligações entre os neurónios e é precisamente a densidade dessa rede que permite ao cérebro aumentar as capacidades originais. O Professor António Damásio, autor do livro "O erro de Descartes" – demonstrou que o cérebro de um adulto analfabeto é significativamente diferente (menor capacidade) do de um letrado (maior capacidade). O desenvolvimento das sociedades tem a ver com a capacidade mental dos seus membros e não com os exauríveis recursos naturais. Vejam-se os casos do Japão em comparação com Angola, da Suíça com o Afeganistão ou ainda o caso de Singapura. Isto permite-nos extrapolar que o escritor é o motor do desenvolvimento.

Quando em 2001 iniciámos estes Colóquios sob a égide do nosso saudoso primeiro patrono Embaixador Professor Doutor José Augusto Seabra - queríamos provar que era possível descentralizar a realização destes eventos sem sermos subsídio-dependentes. Portugal é um país macrocéfalo; cada ano que passa existe mais Lisboa e o resto confina-se apenas à paisagem. Com a saída de serviços vitais, o êxodo de pessoas e subsequente a diminuição da população escolar, a falta de emprego, e todos os poderes decisórios radicados em Lisboa, cidades como Bragança estão por vezes mais perto de Madrid do que da capital. Tentando lutar contra essa tendência, conseguiu-se que estes colóquios se tornassem, graças à nossa persistência, na única iniciativa, concreta e regular em Portugal nos últimos seis anos sobre esta temática. Caracterizam-se pela sua completa independência de quaisquer forças políticas ou institucionais o que permite viabilizar a participação de um leque alargado de oradores, desassombrados, sem peias, sem temores nem medo de represálias dos patrocinadores institucionais, sejam eles governos, universidades ou meros agentes económicos. Contamos desde a primeira hora com o apoio logístico essencial da Câmara Municipal de Bragança que o divulga e a ele se associa.

Os encontros e conferências de formato tradicional são reuniões de boas intenções com a posterior publicação de Atas de conclusões, mas nós inovámos e introduzimos em 2002, algo hoje normal, o hábito de entregar CD com as Atas no início das sessões. Estes Colóquios independentemente das grandes diretrizes aprovadas nos gabinetes de Lisboa ou de Brasília têm servido para inúmeras pessoas aplicarem o saber doutros colegas à realidade do seu quotidiano de trabalho, aproveitando a experiência profissional e pessoal de cada um dentro da sua especialidade e dos temas que estão a ser debatidos, para que os restantes possam depois partir para o terreno, para os seus locais de trabalho e utilizarem esses instrumentos que já deram resultados noutras comunidades. Verificou-se a criação de uma rede informal que permitiu um livre intercâmbio de experiências e vivências, ao longo dos anos.

Por outro lado, as atividades paralelas e a sua componente lúdica-cultural permitem uma confraternização cordial, aberta, franca e informal entre oradores e presenciais, caracterizada por almoços e jantares e passeios lúdico-culturais em que do convívio saem reforçados elos que se irão manter. Todos os anos os participantes têm podido trocar impressões, falar de projetos, partilhar ideias e metodologias, fazer conhecer as suas vivências e pontos de vista, fora das sessões, alargando esta rede informal dos colóquios.

Em 2004 fizemos a campanha que ajudou a salvar o **Ciberdúvidas**, em 2005 assistimos ao lançamento do **Observatório da Língua Portuguesa** integrado na CPLP, em 2006 foi lançado a primeira pedra para a criação da **Academia Galega da Língua Portuguesa**, em 2007 o 1º **Prémio Literário da Lusofonia** patrocinado pela Câmara e fomos os primeiros a discutir e lançar as bases da discussão pública que viria a culminar na assinatura do Acordo Ortográfico. Em 2008 já demos continuidade à discussão sobre o Acordo ortográfico no 3º Encontro Açoriano da Lusofonia e à concretização desse grande projeto que é a **Diciopédia ou Dicionário Contrastivo da Língua Portuguesa e Dicionário de Açorianismos**, saindo deste Colóquio para assistir a esse ato histórico que é o primeiro ato oficial da **Academia Galega da Língua Portuguesa** nascida de muitos labores com o apoio destes Colóquios.

Este ano iremos falar da «Língua Portuguesa e Crioulos: um enriquecimento biunívoco». Para isso teremos como convidado de honra JOÃO CRAVEIRINHA, moçambicano, escritor e artista plástico, além de inúmeros especialistas na área como a Professora Doutora Dulce Pereira que terão uma sessão de apresentação e autógrafos dos seus livros. Igualmente foi possível trazer de novo a Bragança os dois académicos que em 2007 acederam a serem patronos deste evento: Malaca Casteleiro da Academia de Ciências de Lisboa e Evanildo

Bechara da Academia Brasileira de Letras. Igualmente presentes (30) TRINTA oradores do Brasil, Portugal, Moçambique e Galiza

Teremos também uma Homenagem contra o esquecimento pelo 4º centenário do PADRE ANTÓNIO VIEIRA e pelo 1º centenário de VITORINO NEMÉSIO, e o habitual tema de Estudos de Tradução. Enquanto a tradução de obras portuguesas não estiver suficientemente difundida, a língua portuguesa não pode alcandorar-se ao nível de reconhecimento mundial doutras línguas. Começa a haver um certo número de traduções de livros de autores portugueses, mas é altamente deficiente e deficitária. Uma das formas de preservar a língua é através da tradução. Só a tradução de obras permite a divulgação, algo muito importante na preservação da língua.

Estarão representadas as seguintes entidades:

Academia Brasileira de Letras
Academia de Ciências de Lisboa,
Academia de Letras de Brasília,
AGAL Galiza;
Associação pró Academia Galega da Língua Portuguesa,
Blogue A Bem da Nação,
Ciberdúvidas da Língua Portuguesa,
Clube dos Poetas Vivos (Galiza),
Escola Secundária do Monte de Caparica,
Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança,
Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Instituto Politécnico do Porto,
Movimento Internacional Lusófono,
Universidade do Algarve,
Universidade de Évora,
Universidade de Lisboa,
Universidade do Minho,
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro,
Universidade Estadual de Santa Cruz da Bahia, Brasil,
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Universidade Lusófona,
Universidade Mackenzie de São Paulo,
Universidade de Nottingham no Reino Unido,
Universidade de São Paulo Brasil,

Os nossos oradores “típicos” não buscam mais uma conferência para juntar aos seus currículos, antes estão interessados em partilhar as suas ideias, projetos, e criar sinergias com universidades, politécnicos e outras entidades e pessoas nos quatro cantos do mundo. São eles que voluntariamente já arrancaram com o ambicioso projeto da Diciopédia nas suas horas livres, sem buscarem fama ou proveito, antes irmanados deste nosso ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, tal como nós que organizamos voluntária e gratuitamente estes colóquios. Somos – todos juntos – capazes de atingir aquilo que as burocracias e as hierarquias muitas vezes não podem ou não querem. Acreditámos que somos capazes de fazer a diferença. Os nossos oradores “típicos” juntam-se aos colegas no primeiro dia de trabalhos, partilham as suas refeições, as suas comunicações, os passeios, e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É isso que nos torna distintos de qualquer outro colóquio ou simpósio e é isso que vamos repetir este ano. Queria alertar-vos para o facto dos CD entregues aos oradores conterem já todas as atas de anos anteriores, bem como fotos desses colóquios, uma vasta coleção de fotos de Bragança, e projetos iniciados ou apoiados pelos Colóquios incluindo a Diciopédia, o Dicionário de Açorianismos, a criação da cadeira de estudos Açorianos, uma coleção de imagens bem-humoradas da língua portuguesa sob o título de Portugal no seu melhor e outros que vos manterão ocupados durante horas a fio depois destes dias de atividade. Muito obrigado.